

Estágios de aquisição do português em contato com o italiano a partir de Análise Qualitativa do Contínuo da Transitividade

Stages of Acquisition of Portuguese in Contact With Italian Based on a Qualitative Analysis of the Transitivity Continuum

Ana Luiza Oliveira de Souza 

Universidade de Pisa. Centro Linguístico e Programa de Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Filologia, Literatura e Linguística. Pisa, Italia.
E-mail: analuiza.desouza@unipi.it

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Leonie Ette
Miguel Gutiérrez Maté
Patrícia de Ramos

Recebido: 22/05/2024

Aceito: 03/10/2024

Como citar:

OLIVEIRA DE SOUZA, Ana Luiza. Estágios de aquisição do português em contato com o italiano a partir de Análise Qualitativa do Contínuo da Transitividade. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64073, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64073>

Resumo

A partir de pressupostos teóricos que integram a linguística cognitivo-funcional e a sociolinguística, este artigo tem como principal objetivo oferecer explicações a respeito das especificidades dos estágios de aquisição do português brasileiro em contato com o italiano, através da descrição e análise qualitativa do fenômeno da transitividade. O trabalho, assim, apresenta um recorte da pesquisa doutoral de Oliveira de Souza (2023), com a constituição do *corpus* “Português Brasileiro como Língua de Herança – Casa do Brasil em Florença” (*Corpus PBLH-CBFlor*), elaborado a partir de dados de fala de 16 participantes entre a faixa etária de 5 e 13 anos. A investigação se apoia na sociolinguística, com os estudos relacionados às políticas linguísticas (Spolsky, 2004), na linguística cognitiva em interface com a linguística funcional baseada no uso, a partir dos estudos de Tomasello (1999, 2008), e nos modelos teóricos da Gramática de Construções Diassistêmica em Höder (2014, 2018).

Acerca da transitividade, apoia-se em Hopper e Thompson (1980), Givón (1995, 2001), em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), entre outros estudiosos. Com base em análise qualitativa do contínuo da transitividade, que inclui a compreensão dos planos discursivos das construções, atestaram-se as hipóteses relativas aos estágios de aquisição do português como língua de herança, ou seja, estágios de *ativação* e *reativação*, que se apresentam como padrões variacionais da língua em ambiente de contato.

Palavras-chaves

Português Língua de Herança; Línguas em contato; Gramática de construções diasistêmica; Transitividade do português; Linguística cognitivo-funcional.

Abstract

Based on theoretical assumptions that integrate cognitive-functional linguistics and sociolinguistics, the main objective of this article is to offer explanations regarding the specificities of the stages of acquisition of Brazilian Portuguese in contact with Italian, through the description and qualitative analysis of the phenomenon of transitivity. The paper presents an excerpt from Oliveira de Souza's doctoral research (2023), with the constitution of the *corpus* "Brazilian Portuguese as a Heritage Language - House of Brazil in Florence" (*Corpus* PBLH-CBFlor), elaborated from the speech data of 16 participants between the ages of 5 and 13. The research is based on the theoretical foundations of sociolinguistics about language policies (Spolsky, 2004), cognitive linguistics in interface with the studies of functional linguistics based on use, based on the studies of Tomasello (1999, 2008), and the theoretical models of the Grammar of Diasystemic Constructions in Höder (2014, 2018). Regarding transitivity, it is based on Hopper and Thompson (1980), Givón (1995, 2001), Furtado da Cunha, Bispo, and Silva (2013), among other scholars. Based on a qualitative analysis of the transitivity continuum, which includes an understanding of the discursive planes of the constructions, the hypotheses relating to the stages of acquisition of Portuguese as a heritage language were confirmed, *i.e.* stages of *activation* and *reactivation*, which are presented as patterns of language variation in a contact environment.

Keywords

Portuguese as a language of heritage; Languages in contact; Grammar of diasystemic constructions; Transitivity of Portuguese; Cognitive-functional linguistics.

Considerações iniciais

O presente trabalho apresenta dados de produção oral de crianças em fase de aquisição do Português Brasileiro (doravante PB) em contato com o italiano. Um cenário particular de investigação, no qual o PB é analisado à luz dos espaços da contemporaneidade, a partir da descrição da sua aquisição como língua minoritária e de herança, compreendendo como os fenômenos de contato podem influenciar o processo de aquisição.

O *corpus* apresentado foi constituído para a pesquisa doutoral defendida em 2023, cujo objetivo era correlacionar os padrões de transitividade do PB dentro do *continuum* (Lucena, 2016) com os estágios de aquisição denominados, nesta pesquisa, *ativação* e *reativação*. Tais termos já tinham sido empregados por Castilho (2010) para situar a articulação dos processos e dos produtos linguísticos manifestados nos sistemas do léxico, do discurso, da semântica e da gramática, conceitualizando-os por meio de princípios sociocognitivos de *ativação*, *reativação* e *desativação*. Segundo o autor, essas propriedades atuam dentro de um *dispositivo sociocognitivo* e são atreladas às dimensões cognitivas e às dimensões sociais dos fatos comunicativos. Para garantir a integração dos propósitos e da eficácia comunicativa, o falante ativa, reativa ou desativa as propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais durante a criação dos enunciados, em formas conversacionais.

Seguindo esse pensamento, enfatiza-se que, embora a proposta de Castilho (2010) esteja relacionada aos processos e fenômenos linguísticos envolvidos no momento da interação comunicativa, as noções implicadas podem servir de referência teórico-metodológica para análises de fenômenos ligados à aquisição linguística em contextos multilíngues, como o que se apresenta nessa pesquisa. Sendo assim, como um recorte dessa investigação doutoral, o artigo objetiva explicar os estágios de aquisição a partir da descrição e da análise qualitativa dos padrões de transitividade, relacionados às produções dos planos discursivos de Figura e Fundo (Hopper e Thompson, 1890) que se apresentam no *corpus* investigado.

Adotaram-se critérios interdisciplinares para compor o *corpus* denominado “Português Brasileiro como Língua de Herança-Casa do Brasil em Florença” (PBLH-CBFlor), e para a análise das produções linguísticas. Primeiramente, os critérios para a seleção dos participantes basearam-se em pressupostos teóricos sociolinguísticos relativos às políticas linguísticas (Spolsky, 2004), portanto, participaram das entrevistas registradas somente participantes de um contexto específico: a escola comunitária

Casa do Brasil em Florença¹. Posteriormente, seguiram-se critérios referentes às categorias de análises, a partir do aporte teórico da linguística cognitivo-funcional, também conhecida como linguística funcional baseada no uso (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013).

Para os propósitos dessa investigação, assume-se que a definição de “língua de herança” está atrelada aos contextos sociais e culturais relacionados à aquisição de línguas em contato. Geralmente, a designação refere-se a “a primeira língua na ordem de aquisição, manifestando produção incompleta devido ao contato com a língua dominante durante a infância” (Polinsky; Kagan, 2007, p. 369). Seguindo esta definição, e a respeito da expressão “produção incompleta”, sugere-se que essa noção esteja relacionada aos tipos de produções linguísticas em *code-switching* e que, a depender dos *inputs* ligados ao planejamento linguístico familiar, ou mesmo, à atitude linguística do falante, tais produções possam ser desenvolvidas e codificadas seguindo (ou não) a norma padrão dos dois sistemas linguísticos.

Sendo assim, baseada numa visão da gramática das línguas que integra o contexto do multilinguismo² (Höder, 2014, 2018), a pesquisa se apoia nos pressupostos da Gramática de Construções Diassistêmica (doravante GCD), ao reconhecer os fenômenos linguísticos em situações de contato como sistemas interrelacionados em seus diferentes domínios e processos. Os princípios básicos dessa abordagem não preveem que os fenômenos estudados sejam restritos a apenas uma língua, pois entende que o funcionamento cognitivo abarca todo o repertório linguístico do falante, de suas línguas e de suas variantes. Como esclarecem Machado Vieira *et al.* (2023, p. 153), “a perspectiva diassistêmica não é nova, está nas bases da Dialectologia, da Sociolinguística, da Sociolinguística de Contato, conforme já apresentado em Weinreich (1964, p. 390)”. Em um desdobramento desses modelos teóricos, nos quais o fenômeno se refere à coexistência potencial de interferências entre os sistemas monolíngues mutuamente acessados, a GCD contrapõe-se do ponto de vista longitudinal a esta ideia, compreendendo que o multilinguismo pode influenciar mudanças linguísticas, além de cognitivamente condicionar o próprio pensamento.

No contexto de contato entre a língua portuguesa e a língua italiana há uma forte relação linguístico-cognitiva entre os sistemas, muitas vezes relacionados ao construto individual do falante. Observa-se que as construções se manifestam com características particulares do contato no período de aquisição, ou mesmo, durante as interações. Seguindo esse pensamento, Höder (2014) esclarece que as

¹ Os termos “escola comunitária”, “complementar” ou “suplementar” são atribuídos em estudos sociolinguísticos (Creese et al, 2007) a instituições que focam na socialização das línguas minoritárias em contextos europeus. São associações ou grupos que instituem práticas pedagógicas atribuindo importância ao bilinguismo.

² Neste trabalho uso o termo multilíngue/multilinguismo por reconhecer que os repertórios linguísticos de um sujeito possam se estender para além de duas línguas ou variedades de línguas.

redes de construções diassistêmicas podem influenciar o conhecimento linguístico bi/multilíngue, com produções específicas e inespecíficas, denominadas pelos autor *idioconstruções* e *diaconstruções*.

A título de ilustração, cito alguns exemplos de *idioconstruções* e *diaconstruções* do português em contato com a língua italiana com o verbo-suporte FAZER + (V) (em italiano *fare+verbo*)³, com o verbo FICAR ou TORNAR-SE (em italiano *diventare*) e com a expressão TOMAR CONTA (em italiano *prendere cura*) conforme os exemplos abaixo:

- I. Quando terminar a aula, **me faz saber** o que levar.
- II. Não entendi nada, **me faz ver** melhor.
- III. Quando ele **diventou** grande. (*Corpus PBLH-CBFlor*)
- IV. Eles **diventaram** melhor amiti. (*Corpus PBLH-CBFlor*)
- V. Uma menina **prende cura** dele. (*Corpus PBLH-CBFlor*)

Nos exemplos (i) e (ii), é possível observar em negrito instâncias de construções esquemáticas com o verbo *FAZER* em português, condicionadas pelo contato com a língua italiana. No domínio sintático-pragmático da construção (i), a variedade padrão em português brasileiro seria “me diga o que levar”, enquanto que em (ii) seria “me mostra melhor”. As construções (i) e (ii) podem ser consideradas *diaconstruções* nos termos da GCD, porque são reconhecidas e compreendidas dentro da comunidade multilíngue português-italiano, mas o estabelecimento e a manutenção dessas *diaconstruções* dependem da convencionalização social das normas e dos contextos pragmáticos de uso (Höder, 2018).

As outras construções em negrito em (iii), (iv) e (v) são consideradas *idioconstruções*, ou seja, produções dos dois sistemas linguísticos, realizadas com verbos italianos e modeladas conforme a morfologia da língua portuguesa. Compreende-se que, tanto as *idioconstruções* quanto as *diaconstruções* são interconectadas por relacionarem construções mais esquemáticas e específicas. No caso das *diaconstruções*, falantes que vivem cotidianamente entre dois ou mais sistemas linguísticos podem produzir frequentemente, como parte do significado pragmático do diassistema certas estruturas agramaticais, não específicas. Além disso, tanto a *idioconstrução* quanto a *diaconstrução* podem ser produções da fase de aquisição infantil, ou adulta, isto é, de italianos que estão aprendendo o português, ou podem ser produzidas durante a interação. Ambas são reconhecidas na comunidade mas nem sempre convencionalizadas (aceitas

³ Os dois exemplos com o verbo *FAZER* foram retirados da experiência da pesquisadora com tais construções em português em contato com o italiano.

gramaticalmente), permanecendo como um construto linguístico da comunidade multilíngue (Höder; Prentice; Tingsell, 2021).

À luz da abordagem construcionista, é possível observar que as produções dos falantes de herança do português apresentam certos padrões de transitividade, com construções transitivas prototípicas, a partir de narrações de eventos relacionados à transferência de objetos, e menos prototípicas relacionadas às ações ou aos estados dos sujeitos e aos processos dos eventos, atualizando o contínuo da transitividade do PB. Assim, a pesquisa doutoral procurou responder a algumas questões, entre as quais, neste artigo busca-se expor a seguinte: “o padrão de transitividade que se manifesta nas construções em PBLH em contato com a língua italiana é capaz de revelar estágios de aquisição?” Para tanto, o trabalho está assim dividido: na seção que segue apresentam-se as vantagens e desafios da pesquisa em tela; posteriormente, discute-se acerca da fundamentação teórica sob bases funcionais, incluindo a noção de transitividade e os pressupostos que embasam a explicação da natureza escalar da construção transitiva; nas seções seguintes serão apresentadas a metodologia de pesquisa realizada para a elaboração do *corpus*, incluindo os pressupostos teóricos da sociolinguística; segue, então, o estudo empírico em si, com a análise do fenômeno da transitividade e os padrões discursivos das produções, e, os resultados; enfim, serão oferecidas as considerações finais.

Vantagens e desafios da metodologia para a constituição do *corpus*

Considerando os fenômenos de contato entre as línguas e culturas, a união da abordagem teórica cognitivo-funcional com a sociolinguística pode contribuir para pesquisas em aquisição multilíngue. Ao investigar o processo de aquisição do PBLH e seu uso interativo, a pesquisa oferece explicações pertinentes em relação às habilidades linguísticas de falantes de herança e à correlação com o planejamento linguístico familiar, com as atitudes linguísticas e valores socioculturais em contexto de aquisição de língua de herança (doravante LH).

Em ambiente multilíngue, reconhece-se uma assimetria entre as línguas devido à influência da socialização e da escolarização impactando a aquisição da LH (Polinsky; Kagan, 2007). Isso significa dizer que, se há uma menor frequência de *inputs* da língua minoritária, o acesso facilitado pelo ambiente da língua majoritária impulsiona o desenvolvimento da linguagem, sendo esta moldada pela gramática da língua mais forte, tanto durante a infância quanto na fase adulta. Ademais, o ambiente de contato linguístico e cultural se apresenta como um desafio nessa investigação, uma vez que se objetiva verificar em que medida as construções linguísticas reveladas na gramática dos falantes em sua língua de herança estão correlacionadas a determinados padrões

de transitividade que, por sua vez, podem revelar estágios específicos de aquisição em PBLH⁴. Este trabalho, portanto, pode apoiar futuras metodologias de análise de produção linguística, mostrando aspectos essenciais do sistema gramatical que emerge em contexto multilíngue.

Fundamentação teórica para a noção de transitividade

Com base na linguística cognitivo-funcional e nos estudos construcionistas, a transitividade é vista como um fenômeno complexo e completamente esquemático. De acordo com Hopper e Thompson (1980), para compreender o fenômeno dá-se atenção ao todo oracional, analisando os dez parâmetros relacionados à presença, ou não, e às características de todos os argumentos participantes da oração (agente, verbo, paciente e, a própria oração em relação à sua modalidade e pontualidade). Observa-se, seguindo o viés funcional, se o *agente* é intencional e agentivo, se o paciente é afetado e individuado, se a ação do verbo é pontual e perfectiva, se a oração apresenta a modalidade *realis* ou *irrealis* e se a polaridade da oração é afirmativa ou negativa. Sintaticamente, os participantes descrevem as formas [Suj > V > Obj > ou Compl], demonstrando, assim, a compreensão do grau de transitividade como uma escala contínua associada. As pesquisas de Hopper e Thompson (1980) ratificam-se também em Givón (2001), ao definirem o evento transitivo prototípico a partir das propriedades semânticas do agente, do paciente e do verbo na oração. Enfatiza-se, assim, que a *agentividade* (agente intencional ativo), o *afetamento* (ter um paciente concreto afetado) e a *perfectividade* (evento completo pontual) sejam propriedades relevantes para a descrição do grau de transitividade (Furtado da Cunha; Souza, 2011; Givón, 2001).

Ancorados em uma perspectiva cognitiva, Croft (1991), Givón (1984) e Lakoff (1987), a partir dos trabalhos de Hopper e Thompson (1980), concebem a transitividade como uma propriedade da oração, vista como construção gradiente. O contínuo, nessa perspectiva, comporta padrões de transitividade, os quais, por sua vez, apresentam graduação interna relacionada às orações transitivas prototípicas e às orações ditransitivas. Em uma escala gradual, as orações podem ser mais ou menos transitivas, e ditransitivas, a depender do número de participantes envolvidos no evento comunicativo, e das características dos participantes da oração e dos planos discursivos do evento.

⁴ A partir da definição de LH, termo relacionado ao ambiente de aquisição familiar e diaspórico de uma comunidade de fala, escolho a expressão “aquisição em PBLH” uma vez que a pesquisa não se refere à aquisição do PB dentro do contexto nacional e de uso oficial.

Ademais, compreende-se que o modelo teórico considera amplamente os contextos de uso e a interação comunicacional em si, assumindo a forte ligação entre o objetivo informacional do falante e os conhecimentos do seu interlocutor, antecedentes ao evento comunicativo. Uma visão construcionista que inclui o modelo teórico de Goldberg (1995), cuja definição de construção como pareamento de forma-função alinha-se à noção de prototipicidade do evento transitivo, consonante com a visão do contínuo da transitividade, relacionados aos planos discursivos (Givón, 1995, 2001), bem como à relevância dos princípios de iconicidade e das categorias de marcação, topicalidade e outros fatores linguísticos e extralinguísticos.

Pensando na língua portuguesa, a visão de organização da linguagem a partir dos planos discursivos, das categorias lexicais e gramaticais, vistas a partir de um contínuo, identifica traços organizados na fronteira entre uma categoria e outra, sem serem delimitados nitidamente (Furtado da Cunha; Costa; Cezario, 2003). Essa noção de escala gradual da transitividade relacionada aos planos discursivos será aprofundada na seção a seguir.

Planos discursivos na escala gradual de transitividade

A natureza escalar da transitividade está relacionada aos planos discursivos, considerados a partir da semântica dos verbos e de todos os componentes da oração. Nesta seção procura-se aprofundar a compreensão acerca da escala de transitividade, vistas através do plano discursivo com aspectos de Figura e de Fundo, e da modalidade *irrealis* ou *realis* da oração⁵.

Dentro do plano discursivo, a escala de transitividade se configura para além da natureza semântica dos verbos, envolvendo todos os participantes do evento comunicativo, incluindo a oração como um todo. Para explicar a transitividade escalar, Hopper e Thompson (1980) se baseiam na dinamicidade das relações entre os componentes da oração, dando também atenção ao que se apresenta como essencial no discurso, ou seja, no seu eixo central ou “plano de figura”, e nas informações mais periféricas, no eixo periférico ou “plano de fundo”, de acordo com os propósitos comunicativos. Nesse sentido, os conceitos de Figura e Fundo, oriundos da Gestalt na Psicologia⁶, foram requisitados pelos autores, entendendo que os usuários de uma

⁵ Não serão aprofundadas neste trabalho as características inerentes à iconicidade dos planos discursivos, por motivos de espaço, para dar lugar ao *corpus*, serão feitas breves considerações a esse tema nas análises.

⁶ A Gestalt é uma doutrina filosófica de origem alemã e traz o conceito de figura relacionado às partes de um discurso que estão em primeiro plano, e o conceito de fundo que compreende a parte do discurso em segundo plano.

língua constantemente constroem seus discursos de acordo com o próprio objetivo comunicativo e com a percepção das necessidades de seus interlocutores para compreendê-los. Em cada situação comunicativa, algumas partes do que é dito são mais relevantes do que outras. Isso explica por que os falantes tendem a organizar os discursos dando prioridades a certas informações, deixando traços linguísticos que distinguem informações específicas.

O conceito de Figura reconhece um relevo discursivo cujos eventos apresentam grau de transitividade mais alta, devido ao fato de que constituem o eixo central do discurso. Portanto, são construções que apresentam dois ou mais participantes, e as ações dos verbos são finitas; trata-se de uma ação pontual, mais volitiva, mais afirmativa, e mais *realis*. Por outro lado, o conceito de Fundo é entendido como eixo periférico, pois as informações oferecidas na oração fornecem apoio ao conteúdo informacional central, oferecendo detalhes do evento ou estado narrado, e por isso mesmo apresenta menos traços de transitividade, ou de um evento finito.

Para Hopper e Thompson (1980, p. 280-281), as características associadas como distinção entre Figura e Fundo envolvem:

Aquelas partes do discurso das quais não são contributos imediatos e cruciais para o objetivo do falante, mas que apenas auxiliam, amplificando-o ou comentando-o, são relacionadas às construções de fundo. [...] As construções de figura são ordenadas em uma sequência temporal; uma mudança na ordem delas sinaliza uma mudança na ordem dos eventos reais concluídos. As construções de fundo, por outro lado, não são ordenadas com relação a cada uma, e podem mesmo assim ser flexíveis em relação às partes das construções de figura. (tradução da autora)

A distinção entre Figura e Fundo se apresenta como uma característica importante para definir a transitividade oracional, no entanto, os autores compreendem que é fundamental para a distinção da transitividade a organização pragmática do texto. Em termos metafóricos, “as partes das construções de Figura, juntas, compõem a espinha dorsal ou esqueleto do texto, formando sua estrutura básica; as construções de Fundo dão carne ao esqueleto, mas são alheias à sua coerência estrutural” (Hopper; Thompson, 1980, p. 281, tradução da autora).

Segundo Givón (2001) o “plano de fundo” ocorre nas sentenças adverbiais imperfectivas ou progressivas para codificar eventos ou estados simultâneos com a oração principal. Para o autor, na maioria das línguas, muitos tipos de discursos servem-se dessas construções para transmitir as informações de fundo da cena. A respeito do plano discursivo, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) esclarecem que o “plano de figura” constitui a base da narrativa, caracterizando a sequência temporal de eventos concluídos, com verbos de ação, perfectivos, pontuais, na modalidade *realis*,

por outro lado, o aspecto imperfectivo do verbo é significativo para a descrição do evento, pois transmite uma sequência temporal da narrativa, ou ainda, como plano de fundo podem descrever estados que tendem a indicar situações simultâneas ao evento narrado.

Metodologia de pesquisa: comunidade brasileira em Florença e critérios de seleção dos participantes

Segundo Hymes (1972) a comunidade de fala é aquela que compartilha regras de conduta e interpretação de uma variedade linguística, com práticas linguísticas de um grupo social específico dentro da comunidade. Seguindo esse conceito, os participantes da pesquisa estão inseridos na comunidade de fala de brasileiros, que falam o português e a língua italiana, e que são residentes estáveis na região Toscana. Embora existam outros grupos de brasileiros espalhados nesta região italiana, este grupo é diferente, pois tem demonstrado atitudes e objetivos educacionais e culturais bem específicos voltados para seus filhos e filhas, ou seja, objetivos que dizem respeito ao ensino e à manutenção da língua-cultura brasileiras, apoiando-se nos encontros da escola comunitária *Casa do Brasil em Florença*⁷. Nessa associação, as famílias podem dar continuidade às práticas linguísticas que foram iniciadas dentro do contexto familiar. Neste grupo, ao momento da presente pesquisa faziam parte 42 famílias.

A presente investigação foi realizada no ano de 2021, em contexto pandêmico, entre os meses de maio, junho e julho, na modalidade *online*. Neste período de pausa escolar, devido à pandemia, a gestão da aprendizagem linguística ficou à critério das famílias, com apoio da associação CBFlor com encontros semanais pela *internet*. Sendo assim, para a investigação foi realizada uma primeira abordagem com 25 participantes, e devido aos critérios de constituição do *corpus*, reduziu-se o número para 16 crianças entre a faixa etária de 5 e 13 anos. Os critérios adotados para a sua composição foram: crianças nascidas na Itália, filhos e filhas de casais binacionais, isto é, o pai ou a mãe de origem brasileira e de origem italiana. Essas crianças não poderiam ter residido no Brasil, mas, poderiam ter passado férias, ficando neste país por um pouco mais de um mês. Todas as crianças participavam das atividades educativas da CBFlor há mais de um ano, atividades estas relacionadas ao ensino e

⁷ A Casa do Brasil em Florença é um projeto dentro da associação italiana Piazza San Donato, localizada em Florença, na Região Toscana. Atualmente. O projeto de PBLH é realizado dentro de uma escola pública aos sábados, cujas aulas são voltadas para o desenvolvimento da leitura e escrita em português, além do desenvolvimento da oralidade (mais detalhes em Oliveira de Souza, 2020). Veja também o site disponível em <<https://casabrasilflorenca.wixsite.com/meusite>>, acesso em 19/05/2024.

manutenção do PBLH. Dessa maneira, foi possível uniformizar o perfil sociolinguístico dos participantes da pesquisa.

Nesta investigação, a identidade dos participantes sempre foi preservada. Em um primeiro momento, foi utilizado um questionário individual, com entrevista semiestruturada com a mãe ou pai brasileiro(a) da criança, em forma de relato de experiência que revelasse a socialização da língua portuguesa em casa. O questionário foi utilizado para colher informações gerais sobre o perfil das crianças participantes da pesquisa, sobre o Planejamento Linguístico Familiar, a fim de oferecer base para delinear o estágio linguístico de aquisição.

Tipo de pesquisa qualitativo-descritiva

A metodologia de pesquisa em aquisição está relacionada às formas de se conceber linguagem enquanto objeto de estudo durante o processo aquisitivo. A proposta teórica de Tomasello (1999, 2008) sobre a origem da cognição e da linguagem humana nos oferece uma visão relevante na aplicação de métodos de análises que alinham à abordagem cognitiva do funcionamento da linguagem em contexto de interação real. A investigação doutoral seguiu essa perspectiva ao apoiar-se nos modelos teóricos da GC (Goldberg, 1995, 2006), acerca da noção de estrutura argumental, e da GCD, modelo construcionista orientado ao estudo da língua em ambiente multilíngue (Höder, 2014). A partir de uma reflexão dialógica entre esses modelos teóricos e a perspectiva funcional explica-se a transitividade das construções em PBLH. Como metodologia de pesquisa qualitativo-descritiva, a fim de explicar o contínuo da transitividade em PBLH, reconhece-se a dimensão discursiva-pragmática na pesquisa empírica, entendendo as produções como manifestações de um pareamento de forma-função.

De acordo com Correa (1999 *apud* Hilário; Del Ré, 2015), a metodologia empregada em pesquisas relacionadas à aquisição da língua são pautadas na tradição de estudos tradicionais naturalísticos, descritivos e longitudinais⁸. Nesse sentido:

Trata-se de olhares diferentes para objetos diferentes, já que os dados naturalísticos, mais comuns em pesquisas qualitativas, sustentam principalmente análises sobre a produção linguística da criança, enquanto os dados experimentais, bastante comuns em pesquisas transversais e quantitativas, possibilitam a análise do processamento linguístico, bem como da percepção e compreensão. (Hilário; Del Ré, 2015, p. 58)

⁸ As autoras lembram os estudos de Darwin sobre o desenvolvimento humano e linguístico e as teorias linguísticas de Chomsky a partir dos anos 1960.

Com base nas considerações de Hilário e Del Ré (2015), os estudos experimentais e empíricos oferecem vantagens sobre o controle sistemático de variáveis, ainda que não garantam resultados inquestionáveis. À diferença do presente estudo, as autoras dirigem seus argumentos às metodologias de análises relacionadas à aquisição da linguagem em crianças muito pequenas, entre os primeiros 48 meses de vida. Considera-se, assim como as autoras, que a abordagem metodológica qualitativo-descritiva pelo seu viés dialógico, discursivo e empírico assume “a aquisição da linguagem muito mais como a entrada da criança em um universo de sentido, no discurso, do que como a emergência de categorias linguísticas na fala infantil” (2015, p. 59). É nessa perspectiva que se consideram os dados do *corpus* apresentado neste artigo, submetidos à construção de sentidos compartilhados pelos sujeitos do discurso, entre eles, a pesquisadora e o falante de PBLH, em contexto multilíngue.

Nos dados coletados foi possível observar que os diálogos entre a criança e a pesquisadora se manifestavam, muitas vezes, como unidades do discurso, em que a fala da criança complementava ou repetia a fala da pesquisadora adulta. Conforme sinalizam Hilário e Del Ré (2015), as questões para as pesquisas em aquisição não encontram solução definitiva, existindo ainda muitos entraves. Por isso mesmo, embora este trabalho seja de natureza predominantemente qualitativa, a apresentação dos dados quantitativos será relevante para as análises.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa com geração de dados foi previamente aprovada pelo Comissão Nacional de Ética em Pesquisa da instituição de origem, a Faculdade de Letras da UFG, sob o parecer de número 4.698.886. Todos os responsáveis concordaram com sua realização e com a divulgação dos resultados, mediante a assinatura do termo de consentimento informado (conforme a norma CNS 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP)

Depois dessa fase de aprovação, a fim de analisar o fenômeno da transitividade nas produções orais das conversas, procurou-se criar um contexto de interação o mais espontâneo possível através de um instrumento como um filme de animação. Sendo assim, a partir da visualização de trechos do filme RIO 1, a pesquisadora desenvolveu um diálogo espontâneo com cada criança, com perguntas referentes à compreensão das cenas assistidas, sobre o que os personagens faziam, de modo a elicitá-la a produção transitiva nos seus discursos.

Posteriormente, foi possível transcrever as ocorrências de uso das construções linguísticas e dos padrões de transitividade. A metodologia empregada utilizou-se de 15 a 20 minutos de conversa com os participantes, incluindo as duas partes iniciais do filme RIO 1 (totalizando, aproximadamente, 6 horas de gravações). Algumas das cenas estão presentes nas imagens a seguir (Figura 1).



Figura 1 – Imagens das cenas do filme Rio 1

Fonte: Cenas do filme Rio 1 encontradas via buscador Google.

As imagens do filme de animação RIO são exemplos de cenas de eventos transitivos prototípicos, e, em sua maior parte, cenas de eventos de ações. Os personagens realizam ações, transformam ou afetam outros elementos presentes na narrativa, e eles também são afetados ou transformados pelos seus sujeitos.

Os critérios de seleção desse filme de animação, e das duas primeiras partes foram: i. presença de um personagem conhecido pelas crianças para despertar o interesse; ii. na primeira parte, ausência de falas na cena, assim as crianças deveriam narrar o que viam, sem acesso a um *input* oral específico; iii. curta duração, para não pesar o tempo de concentração-atenção; iv. na segunda parte, conversas curtas e longas entre os personagens do desenho, oferecendo a possibilidade de testar a compreensão oral da língua portuguesa. Este contexto de narração seria favorável ao uso das construções transitivas.

Somente as partes das conversas relacionadas ao filme foram registradas em vídeo e áudio e foram transcritas pela pesquisadora, de forma grafemática, sem recorrência a transcrições fonéticas, conforme o modelo de transcrição do Projeto NURC. As transcrições foram cuidadosamente revisadas antes de serem submetidas à tabulação e análise, sendo convencionadas as seguintes anotações:

- [] colchetes para inserções de caráter explicativo;
- ... reticências para hesitações ou pausas longas;
- [...] reticências entre colchetes para supressões;
- (...) reticências entre parênteses para trechos ininteligíveis;
- sublinhado para superposição de falas do pesquisador e do informante, ou de outros.

Para delinear o perfil dos participantes, foi necessário requisitar os pressupostos das teorias sociolinguísticas no que concerne ao papel do Planejamento Linguístico Familiar (PLF), além do contexto em que os participantes se inserem: a escola comunitária, as associações, a comunidade imigrante, o contexto sociocultural da família, espaços imprescindíveis para que aconteça a aquisição linguística. Além disso, reconhece-se a relevância da integração harmoniosa da língua e cultura do país de acolhimento e do português brasileiro, o que contribui para que se promova e valorize a língua da família (Ivanova, 2019) e assim influencie o falante de herança a adquiri-la e aprendê-la.

Distinção dos estágios de aquisição com base em critérios sociolinguísticos

Antes de analisar os padrões de transitividade revelados no *corpus* elaborado e relacioná-los aos estágios de aquisição em PBLH em contexto italiano, considerou-se relevante distinguir previamente os estágios com base em critérios sociais relativos ao grupo de falantes selecionados para a pesquisa. Ao final, poderiam ser comparados os resultados sociolinguísticos com os resultados linguísticos decorrentes da análise.

A definição dos perfis sociolinguísticos dos falantes alinha-se às teorias sociolinguísticas definidas pelo Planejamento Linguístico Familiar (PLF), (Grosjean, 1996; Spolsky, 2004; Valdés, 2001; entre outros). Seguindo este viés, entende-se por planejamento linguístico explícito no domínio doméstico os processos sociais e atitudes de construção de memória afetiva em relação à língua e cultura, que contribuem para a valorização e sentimentos de pertencimento à cultura, influenciando e reforçando a aquisição linguística infantil. Segundo Spolsky (2004, 2016), em contexto migratório, os domínios (ambientes) em que a língua é usada desenvolvem nas crianças valores e crenças relacionadas à própria língua e cultura, e, dependendo do uso e do empenho da família em manter os discursos em língua em casa, aumentam também as práticas linguísticas cotidianas, ampliando assim o conhecimento linguístico. Em suas palavras: “A criança criada em um ambiente monolíngue é privada das possibilidades abertas a um bilíngue [...] A proficiência em uma língua, quer falada ou escrita, estabelece um limite obrigatório de escolha linguística, e fornece um forte instrumento de gestão linguística implícita” (Spolsky, 2016, p. 36).

Seguindo essa linha de pensamento, os critérios escolhidos para compor o *corpus* são baseados nos PLFs dos familiares e, posteriormente, relacionados aos resultados linguísticos sob uma análise cognitivo-funcional. Como se vê, no Quadro 1 estão descritos os critérios sociais que fundamentaram a identificação dos participantes em dois estágios de aquisição:

Quadro 1 – Critérios sociolinguísticos para compor o *corpus*

Critérios sociolinguísticos
Planejamento linguístico familiar Tempo dedicado às conversas e brincadeiras em português no PLF em contexto italiano.
Tempo de participação Em atividades educativas da CBFlor Atividades formais de ensino-aprendizagem.

Fonte: Oliveira de Souza (2023, p.151)

O Quadro 1 elucida os critérios sociolinguísticos para a divisão dos participantes em dois grupos. Sendo assim, foi entregue aos genitores brasileiros um questionário com perguntas semiestruturadas sobre o PLF, e, a partir das respostas, foi possível reconhecer certas atitudes em relação à língua portuguesa em casa, entre elas: a motivação das mães e dos pais para que seus filhos e filhas adquirissem o PB, o tempo de viagens realizadas ao Brasil, os ambientes em que eram realizadas as interações em português, o tempo de participação na escola comunitária, e enfim, as dinâmicas que dizem respeito ao aspecto afetivo da transmissão linguística em contexto de imigração. A partir do questionário, as respostas identificaram o PLF tornando possível elaborar um quadro dos perfis sociolinguísticos dos sujeitos da pesquisa, separando os participantes em dois estágios sociolinguísticos de aquisição: de *ativação* e de *reativação*. Como se observa a seguir:

Quadro 2 – Perfil sociolinguístico em PBLH: ativação e reativação

O PBLH na vida do falante	Ativação	Reativação
Frequência de usos linguísticos do PBLH	Frequência de uso limitada.	Frequência de uso acentuada.
Sincronia e assincronia entre as línguas no cotidiano	A língua dominante sobrepõe ao PBLH. Desequilíbrio entre os domínios de uso.	As duas línguas coexistem e atuam nos ambientes tentando se equilibrar.
Língua e Cultura	Aprendizagem linguística e cultural assimétricas.	Aprendizagem linguística e cultural frequentes.
Processo de aquisição e aprendizagem	Aquisição e aprendizagem da LCH Descontínuo	Manutenção da LCH Contínuo

Fonte: Oliveira de Souza (2023, p.153)

O Quadro 2 traz informações a respeito dos estágios de aquisição e suas características sociais, com base nos critérios sociolinguísticos mencionados no Quadro 1. Os dados, portanto, revelam as características sociais do PLF na aquisição do PBLH em contexto italiano. A partir das respostas do questionário, procurou-se inserir no estágio de *ativação* crianças que apresentassem em comum um processo de aquisição da língua e da cultura com *inputs* menos frequentes. Nesse estágio sugere-se que exista um contato mais forte com a língua dominante (o italiano) e um contato mais limitado com o PB; nesse sentido, entende-se que as frequências de *inputs* poderiam atuar de forma temporária no cotidiano do sujeito. Essas características foram observadas no questionário com respostas que descreviam a pouca frequência de interação linguística em PB, cujos domínios de uso (leituras, assistir a filmes, ouvir músicas, atividades culturais e convívios com outros falantes) foram sinalizados como menos frequente. A valoração que o ambiente familiar oferece ao PBLH, ou seja, com interações linguísticas menos frequentes, influencia a afetividade com a língua e cultura em casa e leva os falantes de herança a terem poucas interações, seja de recepção ou de produção linguística, neste ou em outros ambientes.

Inicialmente, os perfis sociais aqui identificados envolvem alguns fatores predominantes e condicionantes da aquisição e da aprendizagem linguística relacionadas ao PLF. Assume-se que o perfil sociolinguístico de *ativação* diz respeito ao grupo de falantes que se encontra nos domínios de aquisição e aprendizagem básica dos conhecimentos linguísticos. Além disso, neste grupo de *ativação* os falantes podem apresentar um processo descontínuo de aquisição e aprendizagem, pois, conforme as respostas dos questionários, os genitores sinalizaram a dificuldade em manter o PB em casa e a pouca ou nenhuma interação dos(as) filhos (as) em PBLH.

Com base nas respostas dos questionários, no grupo do perfil sociolinguístico de *reativação* estão as crianças cujo contato contínuo com o PB e sua cultura é realizado de modo equilibrado. Ainda que a língua dominante seja frequente no cotidiano, não existe uma relação de poder entre as línguas, pois o uso das duas línguas parece ser uniforme. Elas coexistem no espaço familiar e sociocognitivo do falante. O perfil de *reativação* sugere que seus falantes estejam sistematizando os conhecimentos culturais e linguísticos já adquiridos, pois as famílias se organizam em atividades culturais em casa, tais como leituras em voz alta, ouvir músicas e assistir a filmes em PB de maneira mais frequente, além de ter convívios com outros brasileiros. Para esse perfil, pensamos que o processo de aquisição esteja no domínio da manutenção do PBLH.

A fim de seguir o objetivo do presente trabalho, as análises descritas nas duas seções a seguir se referem ao plano discursivo-pragmático das construções transitivas com base na codificação dos padrões de transitividades. Após essas análises, poderá ser confirmada a divisão dos estágios sob uma perspectiva sociolinguística correspondendo aos estágios de aquisição dos participantes.

Critérios e categorias de análises

Com base em Furtado da Cunha (2009) e Lucena (2016), apoiadas em Chafe (1979) e nos modelos teóricos de Goldberg (1995) e Tomasello (1999), reconhece-se que a classe de verbos é um universal linguístico sempre presente nos enunciados, devido ao fato de representar eventos que fazem parte do universo conceptual humano. Além da natureza semântica dos verbos, a própria construção do enunciado produz o esquema transitivo sendo influenciado pelos argumentos que a acompanham a partir dos propósitos comunicativos. Seguindo esta linha, para a investigação optou-se por descrever diferenças entre as produções de construções transitivas prototípicas (Goldberg, 1995) e as construções menos prototípicas, descrevendo-se, ainda, os planos discursivos das construções (Givón, 2001).

A descrição criteriosa serviu para mostrar de que forma são produzidas as construções mais complexas e gramaticalizadas, ou seja, para mostrar como se dá a produção linguística dos falantes, como mapeiam e gramaticalizam as construções. Seguindo essas considerações, o Quadro 3 apresenta as categorias de análise, representando um fio condutor para esta pesquisa. Essas categorias servem para delinear os estágios de aquisição, vistos como um contínuo de *ativação e desenvolvimento* e de *reativação e continuidade*.

Quadro 3 – Categorias de análises

Categorias de análises da transitividade em PBLH	
1. Subesquemas das Construções Transitivas	<ul style="list-style-type: none">• Análise quantitativa da moldura sintática;• Análise qualitativo-comparativa da moldura semântica;
2. Perspectiva discursivo-pragmática: Plano discursivo	<ul style="list-style-type: none">• Figura e Fundo• Voz verbal• Modalidade <i>irrealis</i> das orações
3. Idioconstruções	<ul style="list-style-type: none">• Forma-sentido diassistêmico

Fonte: Oliveira de Souza (2023, p.157)

O quadro anterior mostra as categorias de análise de acordo com os fundamentos teóricos cognitivo-funcionalistas, com o modelo da CG e da GCD. Como se sabe, a transitividade é concebida como uma propriedade da oração e não somente do verbo, cujos traços das categorias gramaticais e lexicais são organizados seguindo um

contínuo. Observa-se a construção projetada entre a relação entre os verbos e seus argumentos, dando atenção à moldura semântica e à moldura sintática.

Para análise das construções, partiu-se da distribuição dos segmentos na oração, em termos de quantidade, proximidade e organização linear (Haiman, 1983), uma vez que configuram os planos discursivos e codificam a gradiência da transitividade. No que concerne ao plano discursivo, de acordo com Givón (1995), os domínios gramaticais são vistos como estruturados iconicamente e convencionalizados, sintaticamente. O relevo discursivo oferece a possibilidade de distinguir os planos de Figura e de Fundo nas produções linguísticas, sendo o plano Figura uma construção altamente transitiva e prototípica, configurando uma ação mais pontual, mais volitiva, mais afirmativa, e mais *realis* (confirmando a maior parte dos 10 Parâmetros da transitividade). Por outro lado, o plano de Fundo, como eixo periférico da informação do enunciado apresenta sentenças menos pontuais, adverbiais imperfectivas, ou progressivas, apresentando também o sujeito agente menos volitivo, e eventos ou estados simultâneos com a oração principal, além de ações que podem aparecer na forma negativa, demonstrando o aspecto *irrealis* da oração (Givón, 2001).

Os resultados

O questionário semiestruturado entregue com perguntas abertas e fechadas auxiliou na compreensão do Planejamento Linguístico Familiar (PLF), sinalizando em quais domínios o PB é mantido em casa (leituras, Tv e rádios, conversas). Sendo assim, o *corpus* foi constituído por produções orais, a partir das quais foram analisados os padrões de transitividade para identificar os estágios de aquisição, *ativação e reativação* linguística. Somente construções em português, além das *idioconstruções*, ou seja, enunciados com estruturas das duas línguas, foram considerados para a quantificação das ocorrências. Não foram consideradas construções exclusivas da língua italiana.

Nos Quadros 4 e 5 apresentam-se os resultados a respeito da análise quantitativa relativa ao contínuo dos padrões transitivos revelados no *corpus* PBLH-CBFlor. Cada quadro corresponde à divisão por estágios em *ativação e reativação*. Os participantes são representados pelas letras dos nomes, seguidos da sigla PBLH e a idade, e foram divididos em dois grupos de 8 crianças, sendo 4 do gênero masculino e 4 do gênero feminino.

Quadro 4 – Distribuição dos dados por número de ocorrências por criança em Ativação

Nº	Falante PBLH	Idade	Gênero	Ocorrências de Cx transitivas
04	ANM. PBLH	7,0	Masculino	13
05	AM. PBLH	8,0	Feminino	6
06	MF. PBLH	8,0	Masculino	11
07	DP. PBLH	8,7	Masculino	5
09	CNM. PBLH	10,2	Feminino	25
13	NV. PBLH	10,8	Masculino	24
15	CR. PBLH	11,0	Feminino	18
16	GR. PBLH	12,6	Feminino	6
Total				108

Fonte: Oliveira de Souza (2023, p.159)

Quadro 5 – Distribuição dos dados por número de ocorrências por criança em Reativação

Nº	Falante PBLH	Idade	Gênero	Ocorrências de Cx transitivas
01	NM. PBLH	5,0	Feminino	22
02	AP. PBLH	5,4	Feminino	29
03	PR. PBLH	7,5	Masculino	64
08	MD. PBLH	9,10	Feminino	39
10	TD. PBLH	10,3	Masculino	72
11	CS. PBLH	10,3	Masculino	31
12	SF. PBLH	10,7	Feminino	41
14	BT. PBLH	11,2	Masculino	58
Total				356

Fonte: Oliveira de Souza (2023, p.159)

Como se pode observar, os dados distribuídos nos quadros mostram o número de ocorrências produzidas por cada participante da pesquisa, totalizando 464 ocorrências. Deste total, 108 construções foram produzidas pelas crianças situadas no estágio de *ativação e desenvolvimento*, e, 356 construções produzidas pelas crianças no estágio de *reativação e continuidade*.

Esclarece-se, no entanto, que os estágios de aquisição em PBLH não foram determinados por número de ocorrências produzidas por cada criança entre os perfis. Os dados consideraram as categorias de análises, ou seja, a moldura semântica e sintática, o plano discursivo das construções, a voz verbal e as formas de *idioconstruções* reveladas nos dados das produções, conforme determinado no Quadro 3.

Neste artigo, serão citados também os dados relevantes no que concerne à produção de construções chamadas *idioconstruções*, nos termos de Höder (2014), além da produção do plano discursivo das construções. As *idioconstruções* que aparecem nos planos discursivos dos enunciados em PBLH foram consideradas por serem vistas como características relevantes nas produções de falantes em contextos multilíngues, como formas específicas que marcam a tipologia de aquisição do PBLH em contato com o italiano.

Cabe também ressaltar que a interpretação dos dados leva em consideração a dinâmica das entrevistas, tais como barulho ao redor, desconforto ou inibição por parte da criança. Como se vê, as crianças **NM. de 5 anos, AP. de 5.4 anos e CS. de 10.3 anos**, que foram incluídas no estágio de *reativação*, produziram um número de construções inferior à algumas crianças do estágio de *ativação*. Além das características do PLF reveladas no questionário do genitor brasileiro, a permanência dessas crianças no estágio em questão se explica graças às análises das molduras semântica e sintática, e às análises dos planos discursivos que transitavam em suas construções; em geral, são produções que revelam alta transitividade, com construções em que o plano discursivo potencializava ocorrências entre Figura e Fundo, no contínuo da transitividade, além da presença de poucas *idioconstruções*. Nota-se que as crianças com faixa etária entre 5 anos produziram construções com alto grau de transitividade, graças ao seu PLF, e mesmo crianças tímidas (com certa inibição) puderam demonstrar a fluência nas suas narrativas, ainda que produzissem construções em menor quantidade.

Como se observa, com relação à variação na idade, reconhece-se, de acordo com Nelson (1996) e Tomasello (1999), que estruturas linguísticas com formas mais complexas podem se manifestar aos 5 anos de idade, a partir das maturações cognitivas e processos de categorização com eventos mentais repetitivos e armazenados através da memória enriquecida. Portanto, incluir crianças com essa faixa etária não representaria problema para os resultados revelados nesta pesquisa.

Em face disso, na próxima seção retomam-se os aspectos da teoria cognitivo-funcional a fim de explicar os estágios de aquisição em PBLH, levando em consideração os aspectos discursivo-pragmático das construções.

Aspecto discursivo-pragmático: plano de fundo e plano de figura

Nesta seção dar-se-á atenção à pergunta de pesquisa que norteia o presente artigo, isto é: “o padrão de transitividade que se manifesta nas construções em PBLH em contato com a língua italiana é capaz de revelar estágios de aquisição? Como se sabe, o plano discursivo com características não marcadas é típico da oralidade, é uma forma de construção ativa, cujo sujeito é agentivo e tópico em orações transitivas. Essa forma sugere um norma cultural padrão de falar sobre agentes humanos intencionais mais do que sobre objetos passivos (Givón, 1995). A marcação está relacionada aos aspectos comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos do evento comunicativo.

Um tipo de aspecto da construção marcada é a forma passiva, no qual o locutor vê a necessidade de “marcar o paciente na posição de tópico”, diante de uma motivação discursiva e do contexto comunicativo. Segundo Givón (1995), um outro fator de marcação são os referentes, como por exemplo, artigos e pronomes definidos serem mais frequentes no discurso oral do que os indefinidos, revelando uma característica comunicativa de falar do mesmo tópico através de longas cadeias de orações.

Vejamos os exemplos dos falantes do estágio *reativação e continuidade*:

(1)

DOC: Você entendeu essa parte? O que você entendeu dessa parte?

INF: **Eu entendi que os animais eram capturados, que levou no avião, que um passarinho tava num lugar que tinha na neve, depois aquele que levou os animais, prendeu um animal, uma criança pegou e cuidou dele...**

(AP. PBLH, 5 anos)

(2)

DOC: com a moça, a dona dele ne, com a dona humana... quando ele chegou no Rio ele encontrou outros passarinhos, você viu?

INF: só um

DOC: só um... e conversou com eles...?

INF: **quando ele chegou ali ele viu um monte passarinhos, ele viu um monte de médicos e viu um pássaro que se sentia muito mal e que eles tinham achado no meio da neve e [risos] depois eles colocaram nessa Amazônia e ele encontrou esse pássaro e ele achava que eles dois iam se beijar. [risos]**

(PR. PBLH, 7 anos)

Nas ocorrências em (1) o falante situa o referente paciente do evento, marcando-o em posição inicial ‘os animais’ em uma estrutura de voz passiva⁹, na qual o sujeito sofre a ação ‘eram capturados’. Essa estrutura necessita de um mapeamento cognitivo que requer conhecimento de material linguístico específico em português. Como se vê, nesse mesmo enunciado, todas as demais construções ocorrem na voz ativa com construções de *ações-processo* ‘levar’, ‘prender’, ‘pegar’, com o sujeito ‘a criança’¹⁰. Em (2) o sujeito ‘ele’ indica o pássaro, a arara, agente animado e não intencional, também é inserido numa posição inicial do enunciado: ‘ele viu...passarinhos, médicos, um pássaro’, e depois continua a narração do evento com construções mais *irrealis* ‘que sentia muito mal’, ‘que eles tinham achado no meio da neve’. Junto ao verbo *ação-processo* ‘colocar’ o falante produz a construção ‘depois eles colocaram nessa Amazônia’, para em seguida retomar ao mesmo sujeito do início do discurso, produzindo ‘ele encontrou esse pássaro’ com o verbo ‘encontrar’, de *ação-processo*.

Como veremos a seguir, as crianças nos estágios de *ativação* e *desenvolvimento* constroem predominantemente enunciados transitivos com planos Figura, evitando o plano Fundo. Nas construções desse estágio, a manutenção do plano Figura auxilia na finalização e conclusão súbita do discurso. Todavia, quando o falante opta pela descrição de toda a cena, o arsenal linguístico e as experiências com a língua portuguesa ainda não são suficientemente mapeadas para que o informante encontre em sua memória as estruturas linguísticas adequadas, pois falta-lhe repertório lexical. Nas ocorrências a seguir, as construções apresentam-se com estruturas das duas línguas em contato.

Vejamos o exemplo do FH no estágio de *ativação e desenvolvimento*:

(3)

DOC: depois

INF: depois **portaram esso passarinho nu carro...**questo carro si mo...
fermo bruscamente **e fez cadé una (scatola)**

DOC: a caixa

INF: **a caixa que conteneva o passarinho...** essa bambina ha (preso)...
trovou passarinho... eh... e lo...

⁹ O plano discursivo relacionado à produção da voz verbal passiva e sua relação com os argumentos do evento narrado exige a focalização do paciente semântico, destacando a entidade que é cognitivamente mais relevante, e deixando em segundo plano as outras entidades. Neste artigo optou-se por não aprofundar a explicação dos tipos de vozes verbais dentro do contínuo da transitividade. A respeito da produção da voz verbal em construções de falantes de herança, veja o trabalho doutoral de Oliveira de Souza (2023), além de um artigo da mesma pesquisadora (2024).

¹⁰ A moldura semântica de *ação-processo* introduz o subesquema de construção transitiva canônica, indicando o fenômeno no qual um agente efetua uma ação que afeta o paciente, um subesquema semântico X afetar/efetuar Y, com verbos de causação, cujo agente intencional efetua uma ação, concreta e finita sobre um argumento com a semântica de paciente, e a forma sintática de objeto direto.

(4)

INF: **trovou o passarinho e a sua...** sua ... (casa)

DOC: sua casa... e depois

INF: e **depois se divertiram insieme e passaram a vida...eh... junto.**

[...] [a supressão acontece porque o FH começa a falar somente em italiano]

INF: café da manhã... era quando...é...viu ...dos... arara... que... ouu... disse...que...noi... stava stava li... eh... que non sapeva... voilar...ehll... lora lui... arara blu... e disse que non... que lui stava a ... stava sicuro... che lui al calduccio e altri no ...

DOC: muito bem... aí depois ... chegou esse pesquisador... e o que ele falou pra Linda?

INF: que lui volea... **salvar a espécie...** spe... eh... que era ... que **Blu era a... ultima espécie** ... c'è... ultimo specie... quindi... essa altra femina di arara...può mettere insieme... e fa altri... altri araras...

DOC: para fazer outras araras

INF: sim... **per salvar a espécie**

(ND. PBLH, 11 anos)

Em (3) e (4) os dados são de produções do mesmo falante. A construção ‘portaram esso passarinho’ apresenta uma estrutura lexical italiana com o verbo ‘portare’ construída com a morfologia do tempo pretérito perfeito (TPP) “-am”, além da sintaxe do português. Além disso, observa-se a construção com o pronome demonstrativo ‘esse’, produzido ‘esso’, a partir da influência do pronome demonstrativo masculino italiano ‘questo’. No entanto, a expressão ‘o passarinho’ foi acionada a partir do léxico do português, pois o falante não produz ‘arara’ ou ‘papagaio’ requisitando a imagem do mesmo conceito associado a ‘pássaro’, ativado de acordo com as intenções comunicativas.

Em (3), a construção sem o sujeito explícito ‘fez cadé a scatola’, supostamente como sujeito ‘o carro’ remete ao verbo em português ‘derrubar’, em italiano ‘ha fatto cadere’ ou ‘fece cadere’, ou seja, *fez cair*, típica das construções realizadas com o verbo *FAZER* como auxiliar de um verbo suporte em língua italiana, logo, se trata de uma *idioconstrução*. Na sequência do diálogo, a pesquisadora se refere à *scatola* pronunciando o termo ‘caixa’, e o participante repete a palavra ‘a caixa’, mas aciona a língua italiana ‘a caixa conteneva o passarinho’, demonstrando que as construções estão sendo acessadas durante a interação, mas ainda não ritualizadas. O verbo ‘contenere’, produzido em italiano, poderia ter sido construído em português com o verbo ‘ter’ ou ‘estar’, mas isso também representava uma escolha sintática de um material linguístico que ainda não foi ritualizado em sua memória enriquecida.

Em (4), o termo ‘passarinho’ é usado para se referir à arara, e nesta oração aparecem outras *idioconstruções*, como: ‘trovou’ e ‘insieme’, em português ‘encontrou’ e ‘juntos’.

Nesse diálogo, o participante demora a acessar as construções em português, embora desejasse informar e compartilhar o que ouviu e viu no filme animado. Ele tenta de diferentes maneiras, conseguindo produzir outros enunciados “salvar a espécie”, este último uma repetição da fala produzida pelos personagens do filme de animação.

Os planos discursivos de figura e fundo e as construções *realis* e *irrealis* produzidas em PBLH são variáveis relevantes a fim de se delinear os estágios no contínuo de aquisição em contexto multilíngue. Apresentam-se, assim, exemplos de ocorrências para a compreensão básica da noção de “plano de fundo” a descrição de um evento, com base no *corpus* da pesquisa de Oliveira de Souza (2023) para o estágio *reativação e continuidade*.

(5)

INF: e... e pega todos eles..., mas... se e **tem no Rio do norte...** tem esse... tem esse... esse carro... que vai que por...que leva todos esses...essas araras esses tucanos... todo esses animais que caturou eh ali... **no Rio do norte...** e ali... eh o... essa esse carro... eh... não está não está fechado muito bem, então eh cai uma caixa... quando eles esse carro **vai... vai... sta indo...** então cai essa caixa... e... vem essa menina... que... que vê essa caixa e pega ela...

(BT. PLH, 11 anos)

(6)

INF: Então nessa parte tinha que o Blue se acordou... e aí... a sua mãe que adotou ele, deu ele o café da manhã... e lá fora **que tava nevando, tinha dois pássaros grandes** que tava sacaneando ele... e jogando bolas de neve, mas [...]

(TD. PLH, 10 anos)

Nos exemplos acima tem-se em (5) o “plano de fundo” em negrito apresentando-se como a parte periférica da narrativa. A semântica do verbo ‘ter’ é totalmente existencial oferecendo uma descrição à cena, e as sentenças com os auxiliares “estar” e ‘ir’, em ‘vai estar indo’ revelam descrições do aspecto e do estado do referente sujeito da oração anterior, isto é, o carro – este carro está ‘no Rio do Norte’. O falante esclarece que ‘ele não está fechado [...] mas ele vai estar indo’. Essa produção oferece formas de narrar o evento, descrevendo-o, oferecendo-lhe detalhes, mas declarando que a ação não aconteceu completamente. No exemplo (6) o auxiliar ‘estar’, seguido de gerúndio, descreve a cena do evento com a construção ‘estava nevando’; também o verbo ‘ter’ mostra referências de descrição da cena, ‘tinha dois pássaros grandes’. Esses exemplos não correspondem ao evento transitivo prototípico. Nessas duas amostras o plano discursivo de fundo da cena narrada é bem característico.

A modalidade *irrealis* das orações

A modalidade das orações inclui construções *irrealis* no modo subjuntivo. A modalidade oracional sinaliza a atitude do falante em relação ao conteúdo do enunciado, ao conteúdo da proposição. Seguindo essa linha, quanto à noção de “atitude” entende-se dois tipos de julgamento ou de perspectiva em relação às informações contidas no discurso: **i.** atitudes epistêmicas: relacionadas à verdade, crença, certeza, evidência, probabilidade; e **ii.** atitudes valorativas: relacionadas ao desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação. Muitos estudiosos funcionalistas, entre eles Givón (1995), assumem que nem sempre essas duas dimensões modais principais são mutuamente exclusivas, mas entrelaçam-se, deixando o núcleo proposicional relativamente inalterado, isso porque “o sentido *irrealis* é tanto uma categoria cognitivo-comunicativo (funcional) quanto uma categoria gramatical-tipológica (formal)” (Givón, 1995, p. 131).

Em fase de aquisição, a modalidade proposicional ainda não está plenamente sedimentada, e, por isso, é muito comum que, ao modalizar, o falante use recursos como marcadores discursivos, truncamentos, repetições etc. Como é possível observar no *corpus* PBLH-CBFlor, o valor semântico de irrealidade ou da dúvida, inerente à configuração do modo subjuntivo, não é recorrentemente expresso pelos falantes dos dois estágios de aquisição, porém se percebe uma tentativa de expressar formas de irrealidade a partir das motivações do discurso.

Em relação à descrição dos eventos, observa-se no *corpus* que a iconicidade das construções é organizada através da memória do repertório linguístico nas duas línguas, envolvendo os **princípios da quantidade, proximidade e ordenação linear**. A organização das construções num evento comunicativo depende das necessidades que surgem durante o processo de interação, conforme exemplificado a seguir nos dados de fala dos estágios de *reativação e continuidade*:

(7)

INF: (A menin)) (encontrou) um homem

DOC: hum, o homem queria o que?

INFO: (queria) o Blue fosse pro Rio de Janeiro

DOC Porque que ele queria que o Blue fosse pro Rio de Janeiro

INFO (porque ele ... caiu)

[...]

CIRC: Ele achou que o Blue ...

INF: voasse

DOC: Mas na verdade o Blue voava

INF: não

(NM. PBLH, 5 anos)

(8)

INFO: [...] pra encontrar Blue, porque a espécie está quase extinta, então... então ... eh... **ele queria que... Blue se... se accopiasse com...** com a... com arara fêmea.

DOC: Pra que?

INF: pra salvar a espécie

(MD. PBLH, 9 anos)

(9)

INF: [...] então a mãe ouviu o barulho e desceu e depois falou com o Blue que ... **que ela não queria mesmo, mas se era para pra fazer uma coisa boa...** então então eraa...

DOC: uma coisa o que?

INF: **uma coisa...** se... **se fosse o (Tulio)** ... uma coisa boa então. Então era, era bemm... então eles foram no o Rio de Janeiro...

(TD. PBLH, 10 anos)

Em (9) há poucas ocorrências do modo *irrealis* expressas com o modo subjuntivo, somente quatro microconstruções, todas no Tempo Pretérito Imperfeito (TPI). Porém, sujeitos muito jovens são capazes de produzir essas construções, como se vê em (7). Sabe-se, com base em estudos de aquisição, que a construção *irrealis* realizada com o modo subjuntivo pode ser uma produção muito refinada que requisita mais experiência na língua para que seja adquirida. Portanto, tendo em vista que forma-sentido do TPI do subjuntivo em português são semelhantes ao italiano, essas ocorrências podem-se revelar com base nos *inputs* recebidos e nas pressões de uso desde o início da aquisição linguística multilíngue.

As ocorrências em (7), (8) e (9) apresentam a forma *irrealis* no modo subjuntivo, produzidas a partir do enunciado anterior formado com o verbo “querer”, um tipo de verbo que induz a uma semântica de modo *irrealis*, do tipo valorativo, um verbo modal e de manipulação em relação ao seu complemento não necessariamente factual. Todas as construções no subjuntivo foram produzidas por sujeitos no estágio de *reativação e continuidade*. Nos outros casos presentes no *corpus*, nos quais os falantes desse mesmo estágio desejavam produzir um valor deôntico ao evento, produziram formas com a semântica de causação ou resultativas, através de construções com formas não-finitas ou com tempos verbais do TPI ou Futuro do Pretérito (TFP) do modo indicativo, como os exemplos que seguem.

(10)

INF: [...] a Linda estava dacordo, mas... éh, **mas... não sabia que essa arara estava ali no Brasil** e... **mas ela não era muit...** não é... não é d’acordo **para ir ali no Brasil** com Blue porque ele não sabe também nem voar...nem voar... então ...eh ela não é dacordo, mas ele...

(BT. PBLH, 11 anos)

(11)

DOC: Viu? O que você entendeu dessa parte?

INF: hum... que os outros papagaio.., eles **pensavam que o outro papagaio ele tinha cocô de passarinho**, mas era a crema do sol...

(AM. PBLH, 5 anos)

(12)

DOC: isso... isso

INF: ele disse ... **ele disse que que estava indo encontrar uma...**

DOC: o Blue falou que estava indo encontrar uma...

INF: e eles... **estavam... estavam... tentando eh...**

(CS. PBLH, 10 anos)

(13)

DOC: mas o que aconteceu E se ele se acasalar com a fêmea?

INF: **ele não voltaria mais para a Linda...**

(MD. PBLH, 9 anos)

Em (10), na construção ‘Não é d’acordo para ir ali no Brasil’, há uma expressão de percepção ou cognição, realizada com a *idioconstrução* ‘é d’acordo’, uma construção altamente produtiva na língua italiana, equivalente a ‘concordar’, correspondente à construção-suporte ‘estar de acordo’. Essa construção, partindo de uma perspectiva epistêmica e valorativa, induz a um modo *irrealis*, com um complemento não-factual: ‘não saber que a arara estava ali’. Note que o complemento da primeira oração ‘para ir ali no Brasil’ é construído com uma forma não finita do verbo ‘ir’, com um sentido resultativo que poderia ser construído no modo subjuntivo ‘para que ele fosse para o Brasil’. Ainda nessa construção, a modalidade *irrealis* foi reforçada pela marcação da negação (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Givón, 1995). Nessa amostra, temos as marcações de contraste com a conjunção adversativa ‘mas’, além da marcação de negação. A respeito da marcação e contrastividade, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) advogam que há um caráter fluido e criativo da língua, no qual o contraste negação-afirmação não é expresso exclusivamente pela estrutura linguística.

A mesma estratégia linguística tem-se ao analisar o complemento verbal em (11) ‘que ele tinha cocô de passarinho’, o verbo ‘pensar’, com a semântica de percepção e cognição introduz no enunciado seguinte o verbo ‘ter’ produzido no TPI, uma modalidade *irrealis* que poderia ter sido produzida com uma construção no modo subjuntivo: ‘que ele tivesse cocô de passarinho’. Essa estratégia linguística de um falante de 5 anos, ao compartilhar o seu pensamento diante de uma informação dada, demonstra a sua habilidade em produzir construções complexas, identificando um nível mais avançado de aquisição, em contexto multilíngue.

Também em (12) e (13), o uso do verbo ‘dizer’, com a semântica de manipulação e modal, codifica uma perspectiva *irrealis* não factual. As formas verbais são codificadas

no pretérito imperfeito e do aspecto progressivo, constituídas por auxiliar estar + gerúndio a partir da pergunta da pesquisadora. Essas construções realizadas pelos participantes em estágio de *reativação e continuidade* mostram o quanto a língua tem sido sistematizada na mente desses falantes. No caso das construções *irrealis*, ainda que o subjuntivo como forma linguística não tenha sido ritualizado, por não ser produzido com frequência, o falante foi capaz de acessar outros mecanismos do sistema linguístico, realizando associações e analogias que envolvem os dois sistemas linguísticos. A busca por padrões (Tomasello, 2005) fez com que produzisse uma forma verbal mais simples e acessível, o TPI, ao invés de produzir a mesma noção com um verbo no modo subjuntivo. A produção de construções complexas mostra o estágio de reconhecimento dos padrões da língua portuguesa, uma língua de menor *input* no seu convívio social.

Síntese dos resultados

O *corpus* PBLH-CBFlor totalizou 464 construções transitivas. O Gráfico 1 a seguir apresenta as ocorrências verificadas em cada estágio de aquisição. Nas produções dos participantes postos inicialmente no estágio de *reativação*, os planos discursivos que caracterizavam o plano de figura, com eventos pontuais e *realis*, e com moldura semântica de *ação-processo* foram os mais frequentes, com 74 ocorrências, enquanto as crianças no estágio de *ativação* realizaram 22 ocorrências, evidenciando assim uma maior competência discursiva e gramatical daquele estágio sobre este último. A moldura semântica de *ação*, que carrega em si sentidos menos transitivos foi altamente produtiva com 182 ocorrências entre os dois grupos. Essas produções ocorrem para falar de evento com menos transferências e mais ações, com verbos de movimento, verbos *dicendi*, e verbos de percepção.

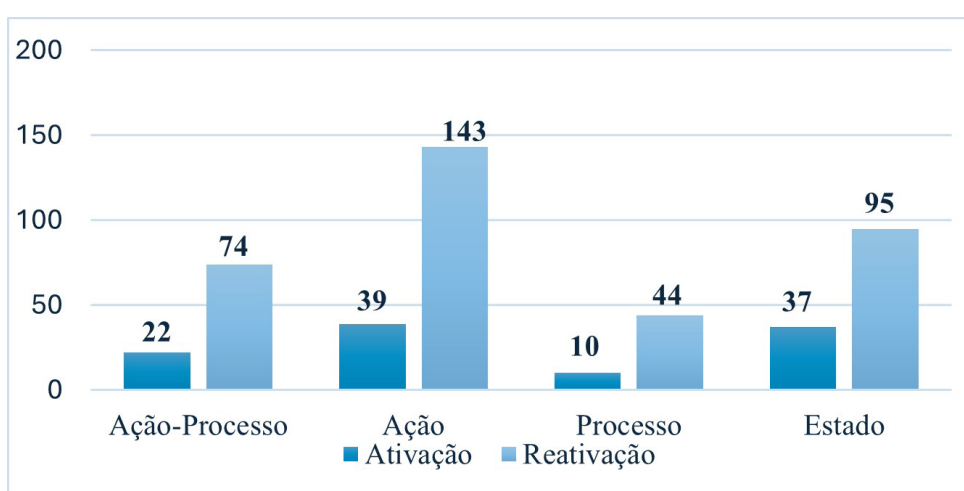


Gráfico 1 – Moldura semântica em nº de ocorrências em PBLH

Fonte: Oliveira de Souza (2023, p.191).

A alta frequência da moldura semântica *ação* pode ser explicada pelas descrições das cenas de ação do filme, e por serem conversas orais. Os participantes em estágio de *reativação* produziram também um número maior com a moldura semântica de *ação* com 143 ocorrências, enquanto o estágio de *ativação* produziu 39.

Como se observa, as ocorrências que caracterizam plano de fundo, com descrições dos eventos e detalhes dos estados dos participantes dos eventos, com moldura semântica de tipo *estado*, foram as ocorrências mais produzidas, depois da moldura semântica de *ação*, e manifestaram-se em 132 ocorrências, sendo 95 e 37 ocorrências, respectivamente dos estágios de *reativação* e de *ativação*.

Enfim, as crianças que estão no estágio de *ativação* e *desenvolvimento* tendem a realizar construções transitivas de *ação* e menos construções transitivas de *ação-processo*. São construções transitivas simples e constituídas, quase sempre, por enunciados coordenados entre si, sem muitos conectivos. As crianças no estágio de aquisição em *reativação* e *continuidade*, no entanto, tendem a experimentar sentenças complexas, ou seja, as chamadas orações subordinadas, as reduzidas de infinitivo ou com gerúndio, demonstrando que são capazes de interagir com a gramática e de serem criativas, passando de estruturas mais curtas e conceitos concretos às estruturas longas e conceitos mais abstratos.

Conclusões

Nesta investigação, inicialmente foram identificados perfis sociolinguísticos de falantes de herança do português brasileiro relacionados a alguns fatores sociais predominantes e correlacionados à aquisição e à aprendizagem linguística em contexto italiano. Pode-se concluir que as experiências linguísticas dos participantes identificados em estágio de *ativação* são descritas pelos genitores de modo específico: dificuldade em manter o PB em casa, além da pouca fluência devido à falta de interação dos(as) filhos (as) em PB. Por outro lado, o grupo de participantes no estágio de *reativação* é descrito com experiências de contato contínuo com o PB e sua cultura, de modo equilibrado. Após as análises linguísticas, ao relacionar as respostas do questionário, no qual foram revelados o PLF dos participantes, com o resultado das análises da codificação dos padrões de transitividade desses dois grupos foi possível confirmar que os perfis delineados a partir dos pressupostos sociolinguísticos correspondem aos estágios de aquisição dos participantes.

Foi possível relacionar as produções que emergem durante as interações comunicativas, numa visão funcional da transitividade relacionada aos planos discursivos, às estruturas marcadas e à iconicidade, fenômenos sintático-discursivos relevantes neste trabalho. Atestaram-se, portanto, as hipóteses relativas aos estágios de aquisição do PBLH, ou seja, estágios de *ativação* e *reativação* que se apresentaram como padrões variacionais do português brasileiro como língua de herança. Numa perspectiva

diassistêmica, entende-se que a dimensão da linguagem dos falantes de PBLH apresenta-se de forma basilar e contínua, pois suas produções manifestam-se a partir do contorno linguísticos das próprias experiências na e com a língua, dentro da cultura italiana, na sociedade em que vivem, influenciando os conhecimentos da língua e da cultura brasileira. O processo de aquisição do PBLH em contexto italiano pode ser compreendido como um contínuo, ou seja, *ativando* ou *reativando* as propriedades lexicais, semânticas, discursivas, fonéticas e gramaticais durante a produção de enunciados, a partir das motivações comunicativas e cooperativas.

Referências

- CROFT, W. *Syntactic categories, and grammatical relations: the cognitive organization of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A transitividade em gêneros de discurso narrativos: implicações para o ensino. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS, 5., 2009, Caxias do Sul. *Anais [...]*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. p. 1-13.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 29-55.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-40
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: An introduction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GROSJEAN, F. Living with two languages and two cultures. In: PARASNIS, I. *Cultural and Language Diversity and the Deaf Experience*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 20-37.
- HAIMAN, J. Iconicity and economic motivation. *Language*, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

- HILÁRIO, R. N.; DEL RÉ, A. Questões metodológicas e ferramentas de pesquisa nos estudos em Aquisição da Linguagem. *Letras de Hoje*, v. 59, n. 1, p. 57-63, 2015.
- HÖDER, S. Constructing diasystems. Grammatical organization in bilingual groups. In: ÅFARLI, T.; MÆHLUM, B. (ed.). *The sociolinguistics of grammar*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2014. p. 137-152.
- HÖDER, S. Grammar is community specific. Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: BOAS, H.; HÖDER, St. (ed.). *Constructions in Contact: Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages*. Amsterdam: Benjamins, 2018. p. 37-70.
- HÖDER, S.; PRENTICE, J.; TINGSSELL, S. Additional language acquisition as emergin multilingualism. Constructional Approaches to Language. In: BOAS, H. C.; HODER, S. (ed.). *Constructions in Contact 2: Language change, multilingual practices, and additional language acquisition*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2021. p. 309-338.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in grammar and discourse*. Language, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.
- HYMES, D. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (ed.). *Sociolinguistics*. Hamondsworth: Penguin, 1972. p. 269-293.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LUCENA, N. L. *A construção transitiva no PB: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L., TRAVASSOS, P. F. Metodologia no tratamento da variação construcional. In: ROSÁRIO, I. C. (org). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho, RO: Edufro, 2023. p.151-174.
- NELSON, K. *Language in Cognitive Development*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- OLIVEIRA DE SOUZA, A. L. O Português como Língua de Herança em Florença: línguas e identidades em movimento. In: SOUZA, A.; ORTIZ-ALVAREZ, M. L. (org.). *Português como Língua de Herança – uma disciplina que se estabelece*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 181-206.
- OLIVEIRA DE SOUZA, A. L. *A aquisição da transitividade no Português como Língua de Herança em contexto italiano: ativação e reativação*. 2023. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras (FL), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.
- OLIVEIRA DE SOUZA, A. L. Construções Passivas em Português Língua de Herança: aspectos da aquisição em contato com italiano In: MACHADO VIEIRA, M. S; MEIRELES, V. *Diversidade e estabilidade em línguas românicas / Diversité et stabilité dans les langues romanes*, ed.1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 320 - 361.

- POLINSKY, M.; KAGAN, O. Heritage languages: In the 'wild' and in the classroom. *Language and Linguistics Compass* 1. v. 5, p. 368-395, 2007.
- SPOLSKY, B. *Language Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- SPOLSKY, B. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. Trad. Paloma Petry. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem ReVEL*, v. 14, n. 26, p. 32-44, 2016.
- TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- TOMASELLO, M. Beyond formalities: The case of language acquisition. *The Linguistic Review*, v. 22, p. 183-197, 2005.
- TOMASELLO, M. *Origins of human communication*. Massachusetts: MIT Press Cambridge; London: Bradford Book, 2008.
- WEINREICH, U. *Languages in contact. Findings and problems*. 3. ed. London: The Hague; Paris: Mouton, 1964 [1953].
- VALDÉS, G. Heritage Language Students: Profiles and Possibilities. In: PEYTON, J.; RANARD, D.; MCGINNIS, S. (ed.). *Heritage languages in America: Preserving a national resource language in education – Theory and practice*. Washington: Delta System, 2001. p. 37-70.